

# Nordeste, a esperança que morre

O GLOBO  
17 OUT 1996

JOSÉ SARNEY

PF

Os meses de campanha municipal fizeram-me passar pelo Nordeste e sentir, de forma dramática, o estado de espírito da região. Encontrei as pessoas presas de desânimo e de profunda decepção. É um sentimento geral. O Nordeste está em depressão. A região perdeu qualquer esperança de sair da condenação ao atraso.

A Sudene, que em certo tempo foi a tábua de salvação, o centro de formulação das políticas públicas para a região, encontra-se em deplorável estado de marginalização. O crescimento da área não significa que exista desenvolvimento. Celso Furtado, o grande mestre, aquele que criou a consciência da existência de um Nordeste com identidade própria, além da geografia, já chamava a atenção para o perigo desse fato quando afirmava que "a civilização industrial é elitista". Nunca os seus benefícios, a sua qualidade de vida, estarão à disposição das massas que habitam essas regiões pobres. O presidente Fernando Henrique resumiu esse diagnóstico, afirmando que o Estado não foi feito para ajudar os pobres. Ele, com a autoridade de quem é de São Paulo.

A idéia de um Nordeste problema, no passado e no presente, esteve sempre associada à geografia da seca, e só. A visão de um espaço integrado, economicamente caracterizado pelos seus índices de pobreza, sem recursos naturais, sem condições de acolher uma agricultura com níveis de produtividade competitiva. A Celso Furtado devemos essa concepção do espaço nordestino e a luta para que nacionalmente se entendesse sua singularidade. Não era uma visão de esquerda, era o testemunho da tragédia social.

A Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, ao tempo do Governo Getúlio Vargas, encarregada de estudar soluções para o país, recomendou a criação do BNDE, que veio a ser um núcleo de ações que constituíram a base do que viria a ser "o desenvol-

vimento JK". O BNDE gerou o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico. Nas recomendações daquele órgão sobre as ações que o Governo devia tomar, o Nordeste passava muito palidamente, restrito ao problema da seca, e por isso mesmo pediam-se estudos sobre barragens no São Francisco.

Aconteceu a grande seca de 1958, que colocou aos olhos do país problemas sociais muito mais sérios. A seca não era só um problema climático. Havia algo de diferente. No Saara não chove e não existe ali o que existe no Nordeste: o homem. O relatório Ramagem, do nome do general encarregado de levantar a tragédia daqueles anos, era um relato objetivo e chocante. O sofrimento milenar da gente permanecia o mesmo e o Brasil, *em berço esplêndido*, não tomava conhecimento dessa desigualdade. Juscelino, que até então não colocara o Nordeste entre suas preocupações de governo, despertou para o assunto e, em 1959, já no fim, criava a Operação Nordeste. Na Câmara dos Deputados, um grupo de jovens parlamentares, entre os quais eu me encontrava, clamava dia e noite para que o Governo visse o Nordeste, abandonado e sem fazer parte do planejamento nacional. Foi, então, que o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico, já nos estertores do último ano JK, recomendava a criação de um órgão que veio a ser a Sudene. Por trás de tudo estava a figura do paraibano Celso Furtado que, membro do estafe do BNDE, juntamente com o maranhense Inácio Rangel, tinha idéias claras sobre o tema. Dessas idéias nasceu a visão do Nordeste, não a região das secas, o "polígono das secas", mas o Nordeste, essa área de abandono e que podia e pode ameaçar a integridade nacional.

Basicamente, com racionalidade e objetividade, propunha-se algumas diretrizes: ampliar a frente

agrícola até a parte setentrional maranhense, com inventários florestais e ocupação ordenada das terras devolutas e férteis daquele estado; melhor utilização dos vales úmidos da própria área seca, onde havia "falta de água e desperdício de terras"; reformular a estrutura fundiária, para fortalecer a produção de alimentos, matérias-primas, e caminhar para a industrialização; pesquisa e exploração mineral e recuperação das indústrias tradicionais, em fase de extinção; construir uma moderna infra-estrutura de estradas e energia, sem descuidar, tampouco, da grande meta de formação de recursos humanos. É possível que muitos desses problemas tenham perdido o enfoque que lhe era dado em face do cres-

cimento nacional, da globalização, de um Brasil que mudou. Mas não mudou a injustiça da concentração de renda em nível espacial e individual.

Criava-se, assim, aquilo que naquela época chamou-se "uma oficina compensatória de sonhos". No Sul, surgiam as fábricas, a indústria automobilística, a construção naval etc. No Nordeste, semeava-se esperança.

Foi o período de um verdadeiro renascimento da região. Todos viveram um novo tempo. Sonhava-se que estas coisas iam acontecer. Tivemos bons superintendentes da Sudene e, dentre

eles, quero destacar o general Euler Monteiro. A Sudene, depois de 60, ampliou seus objetivos. Foi criado o sistema de incentivos, que sobreviveu até hoje pela parceria com o Centro-Sul, que divide com o Nordeste os lucros dessa política. Ele não alcançou seus objetivos. A era da industrialização não chegou. Não foram gerados empregos. A indústria não tem poder competitivo e o interior despovoou-se enquanto a miséria cria um cinturão de violência e fome em torno das grandes cidades.

Vivi aqueles passados tempos. Vivi os amargos momentos de tentar manter o suporte de desenvol-

---

## Não mudou a... concentração de renda em nível espacial e individual

---

vimento para a área. Tive, no meu governo, mais de dez ministros do Nordeste e tentamos ressuscitar várias políticas. Marcamos essa fase com a interligação dos sistemas da Chesf com o de Tucuruí, concluímos a hidrelétrica de Itaparica e tomamos a decisão, que só um homem do Nordeste tomaria, de construir Xingó, e a começamos. A meta de um milhão de hectares irrigados andou bastante e a ela vemos hoje o pólo agroindustrial de Sobradinho, Petrolina, Jaíba, Janaúba, Brumado.

Mas esse Projeto de Irrigação do Nordeste acabou. Estão todos abandonados, política que começou com a extinção do DNOS e outros instrumentos de ação de governo.

Hoje, perguntamos, que política temos para o Nordeste? De que interlocutores dispõe a região? O que vamos fazer para afastar esse desânimo e descrença que se misturam com revolta e com um sentimento perigoso de abandono e de separação?

É preciso repensar o Nordeste. A Sudene necessita ser reformulada. O Brasil mudou, mudaram as visões mundiais. Deram-nos como moeda de troca a esperança, aquilo que, repito, se chamou "a oficina de sonhos". É isto que nunca vi acabar naquele povo andarilho e forte, esperança que agora está desaparecendo, porque todos pensam que o Brasil só pensa no Centro-Sul.

Repensar o Nordeste. Mas onde encontrar um homem como Celso Furtado, filho da região, detentor de todas as qualidades do viver e do pensar nordestinos, servido por uma genialidade e um amor à sua terra que o fez um visionário, apoiado por uma consciência motivada para uma ação efetiva, sem retórica? E onde buscar uma decisão política com a força de olhar o Brasil com seu futuro comprometido, desde que o Nordeste seja um problema, e não caminhe como solução? No Nordeste acontece algo de muito grave: está morrendo a única coisa que lhe deram — a esperança.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado.